

Meu caro Proença:

E7/148

Pequenas coisas nos dão ás vezes grandes impressões de desalento. Não é de politica que lhe falo, por felicidade sua e minha, mas da Renascença Portuguesa.

Pedi-me o Alvaro Pinto q' fizesse aqui uma conferencia em beneficio da Renascença. Apesar da minha relutancia em falar em público, acedi por considerações ao fim que se tinha em vista: e pus-me a pensar qual devia ser o tema da palestra. Pareceu-me que o beneficio duma Sociedade num meio que totalmente a desconhece indica, sem a menor hesitação, a explicação dos objectivos dessa sociedade, para a qual se pede dinheiro. É uma explicação devida e uma justificação. Ora o objectivo da Renascença, segundo os Estatutos, é a cultura do povo portuguez; portanto o meu tema devia ser a cultura do povo portuguez: as suas necessidades nesse ponto, as causas dessas necessidades ou deficiencias (para que saibamos como combater tais deficiencias) e os esforços

Carta de António Sérgio a Raul Proença  
s.d. [Setembro de 1913]

[p.1]

Meu caro Proença:


Pequenas coisas nos dão ás vezes grandes impressões de desalento. Não é de politica que lhe falo, por felicidade sua e minha, mas da Renascença Portuguesa.

Pedi-me o Alvaro Pinto que fizesse aqui uma conferencia em beneficio da Renascença. Apesar da minha relutancia em falar em público, acedi por consideração ao fim que se tinha em vista: e pus-me a pensar qual devia ser o tema da palestra. Pareceu-me que o beneficio duma Sociedade num meio que totalmente a desconhece indica, sem a menor hesitação, a explicação dos objectivos dessa sociedade, para a qual se pede dinheiro. É uma explicação devida e uma justificação. Ora o objectivo da Renascença, segundo os Estatutos, é a cultura do povo portuguez; portanto o meu tema devia ser a cultura do povo portuguez: as suas necessidades nesse ponto, as causas dessas necessidades ou deficiencias (para que saibamos como combater tais deficiencias) e os esforços

da Renascença nesse sentido. Em resumo:  
o mal; suas causas, das quais se de-  
duzem os remedios; o que se tem feito  
e o que cumpre fazer. Isto explica e  
justifica. O meu discurso significará  
isto: «temos um objectivo social e patrió-  
tico, por isso vos pedimos dinheiro. Esse  
objectivo é realmente necessario e urgente,  
como acabei de demonstrar; somos dignos  
do vosso auxilio.»

Comuniquei para o Porto as minhas  
intencões, pedindo subsidios sobre o q  
se tem feito (escolas, universidades po-  
pulares, conferencias, etc) afim de ~~isso~~  
esboçar ao auditorio a obra da Renas-  
cença.

Se não fosse tão diminuto o tempo  
legal de uma conferencia (1 hora) seria  
para mim uma magnifica oportunidade  
de de confesar o que penso neste assunto,  
e de completar, sobre a face cultura, o  
que já disse das causas da decadencia no  
artigo Golpes de malho.

 Note q se não poderia apresentar a  
Renascença como uma sociedade de  
literatos: 1.º, porque não está isso nos Es-

[p.2]

da Renascença nesse sentido. Em resumo: o mal; suas causas, das  
quais se deduzem os remedios; o que se tem feito e o que cumpre  
fazer. Isto explica e justifica. O meu discurso significará isto: «temos  
um objectivo social e patriótico, por isso vos pedimos dinheiro.  
Esse objectivo é realmente necessario e urgente, como acabei de  
demonstrar; somos dignos do vosso auxilio.»

Comuniquei para o Porto as minhas intencões, pedindo  
subsidios sobre o que se tem feito (escolas, universidades  
populares, conferencias, etc) afim de esboçar ao auditorio a obra  
da Renascença.

Se não fosse tão diminuto o tempo legal de uma conferencia  
(1 hora) seria para mim uma magnifica oportunidade de confessar  
o que penso neste assunto, e de completar, sobre a face cultura, o  
que já disse das causas da decadencia no artigo Golpes de malho.

Note que eu não poderia apresentar a Renascença como  
uma sociedade de literatos: 1.º, porque não está isso nos Es-

taluto, q se não distribuir; 2.º, porque 3  
não é verdade; 3.º, porque se não justificaria  
na esse tal caso a entrada na sociedade  
das muitas pessoas não-literatas q se pre-  
tende aliciar para ela; 4.º, porque se não  
justificaria então o pedido do dinheiro, o  
benefício: «meus senhores, deem esmola  
a estes plumitivos da minha terra!»; 5.º,  
a estes plumitivos de minha terra em terra  
porque falando da obra literaria eu teria  
de citar nomes, o que traria os seguintes  
disparates:

a) pouco digno seria q eu, plumi-  
tivo da Renascença, viesse ao Brasil fa-  
zer reclame dos meus amigos e consocios,  
consocios: caberia esse papel a um  
não-renascentista;

b) falando dos meus consocios, de  
duas uma: ou teria de elogiar incondicio-  
nalmente, o q seria indigno de mim  
e deles; ou faria uma critica livre, o  
que seria improprio num beneficio da Re-  
nascença, a pedido da Renascença, para  
chamar gente á Renascença.

Se pelos Estatutos a fossemos avaliar,  
a nossa obra é semelhante, no objectivo,  
ás Conferencias literarias do Casino, em-  
preendidas pelo Cenáculo em 71, e man-

[p.3]

Tatutos, que se vão distribuir; 2.º, porque não é verdade; 3.º,  
porque se não justificaria em tal caso a entrada na sociedade das  
muitas pessoas não-literatas que se pretende aliciar para ela; 4.º,  
porque se não justificaria então o pedido de dinheiro, o beneficio:  
«meus senhores, deem esmola a estes plumitivos da minha terra!»;  
5.º, porque falando da obra literaria eu teria de citar nomes, o que  
traria os seguintes disparates:


a) pouco digno seria que eu, plumitivo da Renascença, viesse  
ao Brasil fazer reclame dos meus amigos e consocios: caberia esse  
papel a um não-renascentista;

b) falando dos meus consocios, de duas uma: ou teria de  
elogiar incondicionalmente, o que seria indigno de mim e deles; ou  
faria uma critica livre, o que seria improprio num beneficio da  
Renascença, a pedido da Renascença, para chamar gente á  
Renascença.

Se pelos Estatutos a fossemos avaliar, a nossa obra é  
semelhante, no objectivo, ás Conferencias Literarias do Casino,  
empreendidas pelo Cenáculo em 71, e man-

4  
dadas, fechar pelo governo logo á  
terceira. Pois bem: apesar de nesse tem-  
po eles já terem uma obra mais  
distinta do q̃ a nossa, o Antero não  
foi para lá falar no seu amigo  
Eça de Queiroz, nem Eça de Queiroz  
do seu amigo Antero de Quental,  
e assim por diante. Foram si tratar  
dos interesses humanos, sociais, patri-  
óticos. É que, se de 1871 a 1913 a  
queda foi grande no talento, ela foi  
grandíssima no decoro...

Pois bem: como resposta ao meu  
plano recebo hontem o bilhete incluso  
do Alvaro Pinto. Roga-me "que faça  
tudo o que possa para não esquecer o  
movimento literário"!!! Por intermedio  
do Alvaro Pinto, os colegas plumitivos  
pedem-me a esmola de decantar os  
seus nomes ás brasileiras multidões!!

 Também tido occasião de observar  
q̃ você, Proença é muito mais generoso  
e menos picante do q̃ eu. No caso parti-  
cular dos rapazes, talvez porque os conhe-  
ce melhor, porque é deles amigo ha  
bastante tempo. Mas enfim, darei lar-

[p.4]

dadas fechar pelo governo logo á terceira. Pois bem: apesar de  
nesse tempo eles já terem uma obra mais distinta do que a nossa,  
o Antero não foi para lá falar no seu amigo Eça de Queiroz, nem  
Eça de Queiroz do seu amigo Antero de Quental, e assim por  
diante. Foram sim tratados interesses humanos, sociais,  
patrióticos. É que, se de 1871 a 1913 a queda foi grande no  
talento, ela foi grandíssima no decoro...

Pois bem: como resposta ao meu plano recebo hontem o  
bilhete incluso do Alvaro Pinto. Roga-me "que faça o que  
possa para não esquecer o movimento literário"!!! Por intermedio  
do Alvaro Pinto, os colegas plumitivos pedem-me a esmola de  
decantar os seus nomes ás brasileiras multidões!!

Tenho tido occasião de observar que você, Proença é muito  
mais generoso e menos picante do que eu. No caso particular dos  
rapazes, talvez porque os conhece melhor, porque é deles amigo  
ha bastante tempo. Mas enfim, darei lar-

E7/148 5  
gas á maledicencia [...] que me desconfio [...] [in]tenções  
humanitarias da Renascença [...] fins da  
sociedade são, pela letra do Estatuto, a  
cultura do povo português; mas bem pa-  
rece q̄ acima de tudo se importam elles  
com o rēclamezinho ás suas pessoas.  
É' isso, pelo menos, o que fazem com fu-  
rôr; e é' isso o que revela o bilhete inclu-  
so do Alvaro Pinto.  
Já vai dahi dizendo a sua bondade  
que foi o bilhete inspiração exclusiva do  
Alvaro Pinto, o qual deseja os seus ami-  
gos apregoados ~~alem-mar~~... Mas, pelo me-  
nos, o caso demonstrará entãõ que no pe-  
nino esse o verdadeiro mo-  
do de ser. O espirito [...]

[p.5]  
gas á maledicencia [...] que me desconfio [...] [in]tenções  
humanitarias da Renascença [...] da sociedade são, pela letra do  
Estatuto, a cultura do povo português; mas bem parece que acima  
de tudo se importam elles com o rēclamezinho ás suas pessoas. É  
isso, pelo menos, o que fazem com furôr; e é' isso o que revela o  
bilhete incluso do Alvaro Pinto.

Já vai dahi dizendo a sua bondade que foi o bilhete  
inspiração exclusiva do Alvaro Pinto, o qual deseja os seus amigos  
apregoados alem-mar... Mas, pelo menos o caso demonstrará  
entãõ, que no [...] O espirito [...]

se  
pa  
uns a  
vaidade  
de sincera. O  
de pulhice e da hipocrisia, é a opinião apaixonada e a vaidade. Ora os literatos são tão vaidosos!...

Diga-me o que pensa deste picaresco incidente. Se vejo que aquilo continua cooperativa de elogio mutuo e de charlatanismo, deixarei de escrever para a Agua e Vida, voltarei ao bom silencio, donde não deveria talvez ter saído. Eles não são ainda os companheiros para a minha pessoa: teem muitissimo mais talento, mas tambem (e talvez por isso mesmo) vaidade.

[p.6]

[...] em publico [...] ou sequer referencias [...] certas preocupações de vaidade [incom]pativeis com a generosidade sincera. O que mais abomino, depois da pulhice e da hipocrisia, é a opinião apaixonada e a vaidade. Ora os literatos são tão vaidosos!...

Diga-me o que pensa deste picaresco incidente. Se vejo que aquilo continua cooperativa de elogio mutuo e de charlatanismo, deixarei de escrever para a Agua e Vida, voltarei ao bom silencio, donde não deveria talvez ter saído. Eles não são ainda os companheiros para a minha pessoa: teem muitissimo mais talento, mas tambem (e talvez por isso mesmo) [...].

E7/148  
la-me não saber que  
essa Alfredo Maga [hães] a  
a historia dele. Num [...] e pulhas, como o nosso, preciso exe-  
citar investigações formidaveis quando  
se não queira estar completamente  
isolado, como eu até agora. Faça-me  
tambem a esmòlinha de me dizer o que  
sabe a tal respeito, e qual a sua opinião  
sobre O Rebate. Eu, como lhe disse, só  
vi o 1.º numero: fraquinho, vago, mas  
com duas ou três coisas justas. Não  
se pode exigir mais na nossa terra. O  
Bernardino tem feito aqui coisas fantasticas,  
pelo que os jornais brasileiros lhe tem che-  
gado ~~diplom~~ com maneiras diplomaticas,  
e o italiano (que tambem ha um nesta  
lingua\*) sem papas na lingua. "Torquemada da  
diplomacia" é o cognome de S. Ex.ª Que  
gente, santo Deus, que gente! Que cretinis-  
mo e que pulhice, a dos nossos diplomatas!  
Não lhe conto o caso por o não maçar  
com tão vergonhosas e desoladoras  
coisas. — Muitas recom[en]das aos  
seus. Amigo certo

No Rio: em S. Paulo [...]

[p.7]  
la-me não saber [...] esse Alfredo Maga[hães] [...] a historia dele.  
Num [...] e pulhas, como o nosso, [é] preciso executar  
investigações formidaveis quando se não queira estar  
completamente isolado, como eu até agora. Faça-me tambem a  
esmòlinha de me dizer o que sabe a tal respeito, e qual a sua  
opinião sobre O Rebate. Eu, como lhe disse, só vi o 1.º numero:  
fraquinho, vago, mas com duas ou três coisas justas. Não se pode  
exigir mais na nossa terra. O Bernardino tem feito aqui coisas  
fantasticas, pelo que os jornais brasileiros lhe tem chegado com  
maneiras diplomaticas, e o italiano (que tambem ha um nesta  
lingua\*) sem papas na lingua. Torquemada da diplomacia é o  
cognome de S. Ex.ª Que gente, santo Deus, que gente! Que  
cretinismo e que pulhice, a dos nossos diplomatas! Não lhe conto  
o caso para o não maçar com tão vergonhosas e desoladoras  
coisas. — Muitas recom[...] Amigo [...]


\* No Rio: em S. Paulo [...]

8. receber a Vida com o  
meu artigo. O introito do Cortesão  
é generoso, mas, como o seu claríssimo  
já me viu, de muito fraca argumentação.  
Eu não me contradigo, pois ~~que~~ no momento em que  
escrevia o meu artigo ainda o meu artigo não  
estava publicado, segundo as contas exactas do sr  
de La Palice: portanto, ainda não havia excepção  
ao côro geral do elogio mutuo. Mas ainda que  
já a houvesse, nem por isso deixaria de ter existido  
o elogio mutuo. A existencia de A não impossibilita  
a existencia de B, e um abstinente numa sociedade  
não significa que não possa haver muitos orgiacos dentro  
dela. Claro que me não darei ao trabalho de lhes  
contraditar esses reparos; mas ha outro ponto, em que  
eu não posso tocar, porque não seria gentil da parte do  
interessado, mas que seria favôr o Proença dizer-lhes  
se se oferecesse occasião. No fim do introito, o Cortesão  
<sup>apresenta</sup> como se fôra uma amabilidade especial da  
parte deles, ou um grande acto de tolerancia, o publicarem-me  
os meus artigos. Seria com effeito amabilidade se a  
Agua e a Vida constituissem propriedade do Pascoais e do  
Cortesão, e se a Renascença tivesse por fim o propagar o  
saudosismo; porém, sem serem propriedades da sociedade  
deles como suas ou constituirem-se, não

[p.8]

[...] a Vida com os [...]. O introito do Cortesão é generoso [...] mas, como o seu clarissimo terá visto, de muito fraca argumentação. Eu não me contradigo, pois no momento em que escrevia o meu artigo ainda o meu artigo não estava publicado, segundo as contas exactas do sr de La Palice: portanto, ainda não havia excepção ao côro geral do elogio mutuo. Mas ainda que já a houvesse, nem por isso deixaria de ter existido o elogio mutuo. A existencia de A não impossibilita a existencia de B, e um abstinente numa sociedade não significa que não possa haver muitos orgiacos dentro dela. Claro que me não darei ao trabalho de lhes contraditar esses reparos; mas ha outro ponto, em que eu não posso tocar, porque não seria gentil da parte do interessado, mas que seria favôr o Proença dizer-lhe se se oferecesse occasião. No fim do introito, o Cortesão apresenta, como se fôra uma amabilidade especial da parte deles, ou um grande acto de tolerancia o publicarem-me os meus artigos. Seria com effeito amabilidade se a Agua e a Vida constituissem propriedade do Pascoais e do Cortesão, e se a Renascença tivesse por [fim] o propagar o saudosismo; porém [...] propriedades da socieda[de] [...] deles como suas ou [...] constituiu-se, não



E7/149 9  
para propagar o saud[osismo] e trabalhar pela cultura [português]:  
e dentro deste programa, a publicação nas re-  
vistas é o meu direito, e ninguém me pode con-  
testar pelo simples facto de não concordar com  
as ideias do consocio X e do consocio Y. O que  
esses consocios tem a fazer, com igual direito,  
é pegar na pena e refutar-me; não porêm o  
condenar-me tiranicamente ao silêncio, e exercer  
uma censura de ideias bem mais absurda que  
as censuras da politica, porque nella não ha  
o pretexto da razão de Estado e da Ordem  
social. Dirigindo as publicações da sociedade,  
o Pascoais e o Cortesão devem considerar-se dele-  
gados nossos, nada mais; se querem só publi-  
car o que les da la gana fundem revistas  
suas proprias, de que não sejamos nós os pro-  
prietarios. Por essa concepção eu so teria deveres  
(pagar a quota, fazer conferencias, etc.): direi-  
tos, só eles.  
 Aos homens da minha laia chamam  
eles "estrangeirados": pois tem-se farto de defen-  
der o saudosismo e descompor os estrangeira-  
dos; porque não poderei eu com igual direito,  
e sem favor de ninguém, defender os estran-  
geirados e atacar o saudosismo? Ah, meu  
Proença, você tem razão [português]  
é muito confuso [português]  
da intolerancia [português]

[p.9]  
para propagar o saud[osismo] trabalhar pela cultura [...] e dentro deste  
programa, a [...] nas revistas é o meu direito, que ninguém me  
pode contestar pelo simples facto de não concordar com as ideias  
do consocio X e do consocio Y. O que esses consocios tem a  
fazer, com igual direito, é pegar na pena e refutar-me; não porêm  
o condenar-me tiranicamente ao silêncio, e exercer uma censura  
de ideias bem mais absurda que as censuras da politica, porque  
nela não ha o pretexto da razão de Estado e da Ordem Social.  
Dirigindo as publicações da sociedade, o Pascoais e o Cortesão  
devem considerar-se delegados nossos, nada mais; se querem só  
publicar o que les da la gana fundem revistas suas proprias, de  
que não sejamos nós os proprietarios. Por essa concepção eu so  
teria deveres (pagar a quota, fazer conferencias, etc.): direitos, só  
eles.

Aos homens da minha laia chamam eles "estrangeirados":  
pois tem-se farto de defender o saudosismo e descompor os  
estrangeirados; porque não poderei eu com igual direito, e sem  
favor de ninguém, defender os estrangeirados e atacar o  
saud[osismo]? Ah, meu Proença, você tem razão [...] [p]ortuguês é  
muito confuso [...] da intolerancia [...]

nos [...] tão ingenuamente  
senhores [...] não é nosso!  
Eu teria o direito inviolável de dizer o  
que penso, ainda q fosse eu o único não-  
saudosista da Renascença; mas ha mais:  
quando re-entrei para a sociedade, a convi-  
te do Pascoais, foi com a condição (solemnem-  
ente aceite e garantida num artigo da  
Agua assinado pelo mesmo Pascoais) de  
que me reconhecessem a liberdade plena de  
dizer o q eu quisesse.  
Não percebo mesmo, dado o perfeito  
acordo quanto aos fins da associação, q  
vantagem lhe encontrariam em dizermos  
todos ao publico q havia perfeita unifor-  
midade em todos os espiritos, que estavam  
prontos a repetir, sem alteração de uma  
vírgula, os dogmas annunciados pelo senhor  
chefe. Não sei para que opõe o Cortesão ao  
elogio mutuo o espectáculo lamentavel «de  
nos vêr inimizados, divididos em aggressivos  
bandos»: como se não houvesse outra attitude  
além da guerra ou da apoteose incondicio-  
nal, hiper-mirabolante, inebriante,  
— o estrondosa exaltação  
de amizade é o  
individuos, mas não é,

[p.10]

nos [...] tão ingenuamente senhores [...] que não é nosso!

Eu teria o direito inviolável de dizer o que penso, ainda que fosse eu o único não-saudosista da Renascença; mas ha mais: quando re-entrei para a sociedade, a convite do Pascoais, foi com a condição (solemnemente aceite e garantida num artigo da Agua assinado pelo mesmo Pascoais) de que reconheceriam a liberdade plena de dizer o que eu quisesse.

Não percebo mesmo, dado o perfeito acordo quanto aos fins da associação, que vantagem lhe encontrariam em dizermos todos ao publico que havia perfeita uniformidade em todos os espiritos, que estavam prontos a repetir, sem alteração de uma vírgula, os dogmas annunciados pelo senhor chefe. Não sei para que opõe o Cortesão ao elogio mutuo o espectáculo lamentavel «de nos vêr inimizados, divididos em aggressivos bandos»: como se não houvesse outra attitude além da guerra ou da apoteose incondicional, [...] mirabolante, inebriante, — [...] estrondosa exaltação de [...] amizade é o [...] mas não é,

não pode sêr, a unifor[...]  
nas ideas; é preciso [incondi]cional  
amigos que eu peço e [...] mais severa. Eles não: teem a noção  
mais severa. Eles não: teem a noção  
bárbara e selvagem de q[ue] a critica é a  
hostilidade <sup>personal,</sup> a desunião, a má vontade  
entre criticado e crítico. Errare huma-  
num est, e todo o homem civilizado e  
de coração limpo (sem preocupações de  
 vaidade) admite que o critiquem, que o  
corrijam, que o emendem.

Você disse dos contos do Cortesão que eram  
muitissimo bons, e que dois havia que  
achou soberbos: ahi está um elogio per-  
feitamente natural e racional. Mas o  
Pascoais escreveu q[ue] eram sublimes, e q[ue]  
desde Camilo não havia nada de comparavel  
em toda a literatura em prosa portugueza.  
Ora depois de Camilo nós tivemos Eça de  
Queiroz, Oliveira Martins, Antero de Quental  
e Fialho; e sendo a mestria segura da prosa  
a ultima qualidade que se adquire, seria  
humanamente impossivel que qualquer  
homem, na idade do Cortesão, logo com o  
seu primeiro livro de [...]  
abismos a culminação [...]  
4 prosadores. Aos 3 [...]  
Camilo não esc[ri]va [...]

[p.11]

não pode sêr, a unifor[...] [incondi]cional nas ideas; é preciso [...] amigos que eu peço e [...] mais severa. Eles não: teem a noção bárbara e selvagem de que a critica é a hostilidade pessoal, a desunião, a má vontade entre criticado e crítico. Errare humanum est, e todo o homem civilizado e de coração limpo (sem preocupações de vaidade) admite que o critiquem, que o corrijam, que o emendem.

Você disse dos contos do Cortesão que eram muitissimo bons, e que dois havia que achou soberbos: ahi está um elogio perfeitamente natural e racional. Mas o Pascoais escreveu que eram sublimes, e que desde Camilo não havia nada de comparavel em toda a literatura em prosa portugueza. Ora depois de Camilo nós tivemos Eça de Queiroz, Oliveira Martins, Antero de Quental e Fialho; e sendo a mestria segura da prosa a ultima qualidade que se adquire, seria humanamente impossivel que qualquer homem, na idade do Cortesão, logo com o seu primeiro livro de [...] afogasse nos abismos a [...] daqueles 4 prosadores. Aos 3 [...] [pró]prio Camilo não escr[ri]va [...]

nem [...] de longe, ás melhores  
páginas [...] desses.

Já não falo do Leonardo a dizer que  
o Regresso ao Paraíso era a metafísica  
definitiva, e outras patéticas de tal quilate.  
Pode-se ter talento e ser parvo; e deles  
alguns têm talento (principalmente o Cortesão)  
mas por enquanto quasi todos são parvos,  
ou por outra, estão verdes. Ha verduras que  
duram até aos 60 anos, e outras que ac-  
abam aos 14 e 15.

Enfim, meu amigo: se houve da  
minha parte certa vivacidade no ataque,  
tal vivacidade não foi certamente  
superior em violencia ás descomposturas  
do Pascoais no estrangeirismo — vicio  
que, como ele o define, eu compartilho.

A. S.

[p.12]

nem [...] de longe, ás melhores páginas [...] desses.

Já não falo do Leonardo a dizer que o Regresso ao Paraíso  
era a metafísica definitiva, e outras patéticas de tal quilate. Pode-se  
ter talento e ser parvo; e deles alguns têm talento (principalmente  
o Cortesão) mas por enquanto quasi todos são parvos, ou por  
outra, estão verdes. Ha verduras que duram até aos 60 anos, e  
outras que acabam aos 14 e 15.

Enfim, meu amigo: se houve da minha parte certa vivacidade  
no ataque, tal vivacidade não foi certamente superior em violencia  
ás descomposturas do Pascoais no estrangeirismo — vicio que,  
como ele o define, eu compartilho.

Seu  
A. S.